

Editorial

Sérgio Niza

Arastamos connosco, do século XX, a incapacidade de responder ao difícil dilema da escola contemporânea. Tal incapacidade resulta de as sociedades confiarem na escolarização para que esta lhes assegure a sua continuidade e segurança e, simultaneamente, para que a mesma escolarização crie nessas sociedades as mudanças sociais necessárias ao seu desenvolvimento humano e cultural. Pretende-se, ainda, que a escola satisfaça as necessidades de formação para a globalização dos mercados e o domínio mundial das políticas neoliberais.

Este incumprido e problemático programa do passado será de novo o programa estratégico imposto à escola do século XXI.

Foi também no século passado que se clarificou o estatuto de um instrumento programático para satisfação das dilemáticas funções políticas da escola. Sujeito a progressivas transformações e com a designação de *currículo* foi inspirado nos projectos empresariais de organização da produção e nos seus métodos de controlo e avaliação. Tomou forma mais sistemática, com a inspiração *taylorista* que lhe emprestou Bobbitt em 1918. A forma de produção em cadeia, casava-se bem com a mentalidade estruturadora da escola desde o século XVII, pensada para escolarizar muitos como se se tratasse somente de um. Tal racionalidade económica geradora do lucro e da eficácia, pouco se compatibiliza com a missão educativa da escola de restituir aos homens e às mulheres, desde crianças, a sua humanidade, historicamente construída.

Nestes tempos de alongada transição, dominada pelo totalitarismo neoliberal que aumentou selvaticamente as desigualdades e a exclusão, que acelerou as deslocalizações e que vem devastando o planeta, os profissionais da educação não podem continuar a acalentar a indiferença pelo futuro dos que dizem educar.

Portugal conseguiu, com a desatenção de todos nós, atingir de entre os países da União Europeia o maior fosso entre ricos e pobres. Revela-o a ONU.

Urge buscar outros caminhos possíveis. Um desses novos caminhos abriu-se em Porto Alegre em 2001, no Fórum Social Mundial como «espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para acções eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital ou por qualquer forma de imperialismo e que estejam empenhados na construção de uma sociedade planetária orientada para uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra».

A partir desse Fórum, têm-se multiplicado os encontros sobre problemáticas diversas da vida dos humanos. Por isso os Fóruns Sociais para a Educação, como era indispensável, têm tido expressão em muitos países, nos anos recentes.

Em Espanha, entre os dias 29 de Outubro e 1 de Novembro de 2005, terá lugar o primeiro Fórum Social Ibérico para a Educação (FSIPE).